

Milton Vargas, S. Paulo.

Caro amigo, nao apenas movido pela saudade, mas tambem pelo desejo de prestar contas da minha experiencia mediterranea lhe escrevo. Prestacao de contas dificil, porque ainda tudo anda desordenado na minha cabeca. Cronologicamente: Algarve-Andalucia-Cataluna-Provenca-Romagna-Campagna-Calabria-Sicilia-Calabri Apulia-Attica-Argolis. Historicamente: Arabes-Visigodos-Romanicos-Romanos-Gregos arcaicos-Sabinos e Etruscos-Gregos e Romanos-Gregos classicos, Bizancio e Turcos. (Isto e deixar fora muita coisa). Atualmente: Ditadura estagna

da-Ditadura senil-Liberdade na abundancia-Liberdade nouveau-riche-Ditadura recente. Climaticamente: Primeira primavera passando imperceptivelmente a ultima primavera, com recaidas invernais nas montanhas. Paisagem: nas praias pinho, oliva, trigo, parreira, cipreste, laranja. Nas montanhas prados, cerejas, macas, peras, e florestas de pinheiro e carvalho. Em toda parte flores cujo perfume perturba o sono e agrava a alergias.

Maior impressao: Granada. (Grandeza, elegancia, sobriedade, vitoria do espirito sobre a pedra). Maior surpresa: Magna Graecia. (Os gregos sao egipcios diminutos.) Maior beleza: os vales da Sierra Nevada, subtropicais cercados de neve. (Mas a escolha e dificil, tudo e insuportavelmente belo). Maior simpatia: populacao andaluza. Maior antipatia: populacao siciliana. Maior proximidade: intelectuais italianos. Maior distancia: gregos. Maior descoberta Siracusa como New York grega. Maior decepcao: classicos gregos. Resultado provisorio: Mediterraneo e sintese de tanta coisa, (berbere e franco, judeu e visigodo, vandalo e etrusco, arabe e celta, dorio e turco, etc.), mas sintese que conserva sempre o seu carater neoliticamente fixado: a solenidade alegre da oliveira que cresce no trigo cercada de papoulas. O mediterraneo esta com os pes firmemente plantado no seu chao imemorial e absorve calmamente a barba rie, venha de onde quizer, (das estepes do Volga como no caso dos gregos e latinos, das planicies balticas como no caso dos germanos, do deserto como no caso dos arabes, berberes e turcos, ou das cidades como no caso dos turistas alemes e americanos). Sacode-se sob todo golpe novo que vem de fora, e cada vez

tal sacudir resulta em beleza, (seja ela chamada "templo", "igreja", "mesquita", "palacio" ou "parador de turismo"). E, caro amigo, este mediterraneo somos nos, os dois, e nao importa se nosso desterro e sulamericano e dura 400 anos, ou centro-europeu e dura 1800 anos. Se eu me esquecer de Ti, o Mediterraneo o!, que minha mao direita perca a sua arte! (Como desculpa dessa explora

sao lirica: as ondas do Egeu batem praticamente contra estas teclas). Nao que tais ondas incrivelmente azuis, outrora domadas pelo sacrificio de Agamemnon e partidas pelo braco poderoso de Moises tenham tragado de tudo a "realidade brasileira". (Sera mesmo "realidade" o Brasil, ja que aqui nao existe para ninguem a nao ser para os pensamentos preocupados dos que dele partiram?) Pelo contrario, o Brasil serve, sotto voce, de baixo continuo a tudo isto. Nao sua vastidao vasia, nem sua aglomeracao opressora, nem sua miseria, nem sua alienacao, nem sua esperanca sempre relegada. Mas os amigos, o calor do contato humano, a certeza nao encontrada algures de estar entre pessoas que lhe querem bem e aos quais se quer bem, em suma: a certeza de ter-se morada. Ubi amici, ibi patria.

Seja abracado.

Admitamos que Deus, (sob forma de um sperma chamado "Logos spermaticos"=Espirito Santo), tenha penetrado Maria. Nasce um Filho. Mas o Filho enquanto Deus e imortal nas duas direcoes da linha temporal, (e o tempo e admitido linear em tal tipo de mitologia). De maneira que o Filho estava "sentado a direita do Pai" desde sempre e la continuara ix sentado para sempre. Maria nao passa de epiciclo assentado sobre tal reta. A passagem pela historia nao e senao um excursio para o Filho. Mas se for assim, em que se distingue o Filho dos demais seres humanos, os quais passam igualmente por um corpo apenas como excursos? Para que todo este aparato da "imaculada conceicao", se toda conceicao, por maculada que seja, leva ao mesmo resultado? Pois creio que toda esta discussao entre gnosticos e cristaos, (e a discussao paralela entre vedantistas e budistas), se deve a esta dificuldade de distinguir entre cristos e seres humanos "normais", uma vez admitida a "imortalidade da alma" em direcao anterior ao nascimento. E, quer me parecer, apenas o budismo assume o desafio: se admito a distincao entre corpo e alma, e se admito que a alma e imortal, (seja isto vantagem ou desvantagem), estou condenado ao ateismo. Todos somos Deus, e por isto nao ha Deus. Esta e a razao porque dou "gracias a Deus", (no sentido literal), que nao mais preciso distinguir entre corpo e alma, e que posso admitir simultaneamente que sou mortal, (serei esquecido), e imortal, (imprimo informacoes que persistirao depois de eu ter sido esquecido). Porque isto me permite admitir um misterio que posso chamar "Deus": o misterio da contradicao do meu estar-no-mundo.

Futuras tecno-imagens: Discordo radicalmente. Nao porque nao creia que a TV inglesa seja semelhante a brasileira: o que vale na TV inglesa e a Open University, e esta voce nao viu porque se passa durante anoite e nas manhas ate meio dia. Mas discordo por razao mais profunda. As imagens tecnicas atuais sao tracos de raios refletidos por objetos. Pouco importa se tais objetos sao atores em *Così fan tutte*, objetos barrocos, jogadores de foot ball, ou *Figures in a Landscape*. Por certo: posso manipular os objetos e os raios, mas sempre estarei limitado ao mundo objetivo. As futuras tecnoimagens serao tracos de particulas "ad hoc" emitidas. Serao materia prima informe a ser informada, (imagens de computador, de plotter, de sintetizador, de electronic mixer). A tecno-imagunacao esta apenas nascendo. Pena que voce nao foi ver isto em Londres, (Museum of Contemporary Arts, e of Natural History). E caracteristico que ainda nao se sabe aonde mostrar tais imagens: na TV, nas Universidades, nos museu de tecnologia, nas exposicoes de arte? Quer voce queira ou nao: o futuro esta raiando Nao para nos, infelizmente. Pena que nao nascemos em torno de 1950. Mas os dois estamos fazendo o que podemos para aproveitarmos o resto do tempo que nossa alma continuara neste nosso corpo ja um pouco gasto, ou o resto do tempo que nos e dado para adquirirmos informacao e a imprimirmos sobre os outros. Voce diz: que eu melhoro o teu pensamento. Mas o mesmo acontece com o meu pensamento em relacao a ti, apenas com impacto redobrado. ate breve, caro amigo.



SCHLOSS-HÔTEL WILHELMSHÖHE

(Hans Arnold)

Vilém Flusser

KASSEL
31/10/66

Prof. Milton Vargas,
a/c Themag,
Igo do Arrouche 24, 5-
SPaulo.

Caro amigo,

uma primeira reportagem das minhas impressões. Falei com muita gente aqui na Alemanha e na Austria. Adorno, Mas Prod, Coing, Schulze, Klug, Minnemann, Grossmann, Italiaander, etc. (Grassi esteve em Ischia). Comecei a publicar na Frankfurter Allgemeine, Sueddeutsche em Munique, e na Presse de Vienna. Pronunciei conferências, e participei de debates. Falei com jovens. Em suma: tenho o primeiro contacto. Eis o resultado provisório:

A Alemanha é um país com enorme complexo de culpa. Todos, inclusive os que nasceram depois de 45, vivem debaixo da sombra da enormidade cometida. É o único tema. E o complexo impossibilita uma pesquisa e um pensamento desprendidos. Por exemplo: para Bense semântica é nazismo. Para Adorno metafísica é proibida na Alemanha. Para Korr editor da Frankfurter e alto funcionário nazista, a Alemanha deve expiar abstendo-se da filosofia. Para Schmael, (Professor de psicologia em Munique e educado num Castelo de Hitler), os alemães deveriam tornar-se judeus. (A propósito, esse ariano modelo está casado com Yara Bernette).

O segundo fator é a prosperidade ameaçada. O país vive além dos seus meios, e os efeitos começam a se tornar evidentes. O perigo é o empobrecimento da pequena burguesia, que é tradicionalmente a portadora da bestialidade. Mas creio que desta vez os intelectuais estão tão de alerta. O terceiro fator é a divisão, e a situação catastrófica no Oriente. O comunismo é um óbvio fracasso. Mas de tal forma tudo que lembra nazismo é recusado, que a propria reunificação é posta em dúvida como ressurgimento do nacionalismo.

A Austria é diferente. Lá o nazismo está quase à tona. Heer definiu os partidos austríacos como vermelhos marrões, pretos marrões e azuis marrões. A Austria era sempre o berço dos facsismos, e continua sendo. Isto, acompanhado de uma óbvia estagnação intelectual e de um tradicionalismo e saudosismo ridículo, torna Viena uma cidade com ar irrespirável, embora bela.

A Edith foi, (sem mim), a Praga. A mais bela cidade do mundo, mas uma cidade de mendigos. Duas vezes derrotada, pelos alemães e os russos. Edith voltou profundamente entristecida pela indignidade da vida em Praga. Moral desfeita, mesquinhez, sujeira, mas as pessoas ainda cultas.

Voltarei a dar notícias, quando tiver tempo. Sinto saudade suas. Espero que tudo está o.k.

Abraços

TELEPHON: 300 61 · FERNSCHREIBER: 09 922 61

2

Viljo Flusser,
87 c/o Santiago Ave.,
Holliswood, Long Island,
New York.

New York, Jan. 15, 1967

Prof. Milton Vargas,
c/o Themag,
Igo. do Arouche, 24, 52,
S. Paulp.

Caro amigo, decididamente esta viagem é longa demais. Não estou "behaust" e não consigo concentrar-me. Falei com muita gente, conheci muita coisa, distanciei-me irônicamente do Brasil, mas não sintetizei as impressões e não sei se terei proveito. Tres temas fundamentais preocupam os países visitados: (1) Alemanha: Nazismo e complexo de culpa. (2) Espanha: guerra civil e adaptar-se a Franco, (3) EEUU: Descrença na ciência, (também nps cientistas, contrariamente ao que diz o amigo), e culpa pelo Vietnam. Em geral: descrença nas bases da civilização obviamente esgotada. E certeza da derradeira derrota pelas "massas subdesenvolvidas". Ainda não visitei MIT, embora tivesse telefonado com Santillana. Impressão: velho caduco. As maiores personalidades encontradas: Adorno, Friedrich Heer, Harries de Yale, (Heideggeriano) e Hannah Arendt. Aqui domina o logicismo, na Espanha domina um anti_ortegianismo confuso, na Alemanha Husserl, mas Wittgenstein está surgindo poderosamente. Heidegger ofuscado, com exceção talvez da França. Mas, embora seja o trabalho filosófico muito desenvolvidado e de nível infinitamente superior ao nosso, (com forte influencia da Igreja especialmente na Europa), falta, a meu ver, o ar de aventura do Vicente. É preciso confessar que não encontrei Grassi. Voltarei em fevereiro. Não sei que fazer na minha volta, mas não creio que viver na Europa me entusiasme. (Com exceção, talvez, de Roma, mas aí há o problema da lingua). E a saudade aperta. Afinal, já criei raizes nestes quase trinta anos. Qui vivera, verra. Espero que tudo esteja bem consigo e sua familia. Não quer escrever-me? Cordiais saudações aos seus, também da minha senhora, e um forte abraço

Milton Vargas, Nesta.

Caro amigo, tôda vez que a discussão passa para o tema do nazismo, e que ouço as suas opiniões, um frio mortal aperta minha garganta. Não quero negar que há, nessa minha reação, uma forte dose de subjetivo. No sentido de tratar-se daqueles acontecimentos que destruíram meu mundo, minha família, meus amigos, e parte de minha vida. Não quero negá-lo, mas creio honestamente que trinta anos e milhares de quilômetros, aliados a minha tendência para o abstrato e a teoria, oferecem suficiente distância para uma visão pelo menos parcialmente objetiva. De forma que o frio mortal que mencionei não é apenas resultado de um trauma, mas tem raízes mais ancoradas na realidade. Com efeito, receio que aquilo que sinto nessas ocasiões é o terror de um abismo ético e estético para o qual a atração que sinto por si ameaça precipitar-me. Oxalá esteja enganado. Esta carta tem o propósito de esclarecer o problema, tanto para mim quanto para si. A nossa diferença de opinião quanto ao nazismo pode ser parcialmente explicada pela diferença de informação que temos a respeito dele. Suas informações são mais gerais e mais "desinteressadas", minhas são imediatas, muito detalhadas, e baseadas sobre observações e vivências imediatas. Isto permite que suas opiniões sejam mais amplas, e minhas mais grudadas à realidade. Mas esta diferença de informação explica apenas parcialmente a diferença de opinião, e resta um residuo inexplicado terrificante. É deste residuo que quero ocupar-me. Não importa, a meu ver, se na sua opinião o nazismo incentivava certas atividades de pesquisa, e na minha bloqueava todas. Isto é apenas aspecto de um problema mais amplo, do qual tratarei em seguida, e peço que não perca paciência comigo.

Falarei primeiro do aspecto estético da coisa. Para mim o nazismo é a maior manifestação de vulgaridade e obscenidade da qual tenho conhecimento. Trata-se de uma pornografização da política em particular, e da cultura em geral, de uma transformação de toda a nossa tradição em colossal chingação tola e repulsiva. Por exemplo: se Feder diz que Maria "fodia com judeu", quando diz que Marx "cheirava e exalava o cheiro do semitismo", quando diz que "Stalin lambia o trazeiro de Trotzki", etc. etc., tenho vergonha de citar o filósofo oficial do nazismo. Esse nojo que o nazismo me causa é um obstáculo para uma apreciação das suas manifestações, porque não permite que se fale nelas. Já não me detenho no aspecto corriqueiro dos erros de gramática e de estilo, e dos erros de fato. (Hitler dizia, por exemplo, que o judaísmo é uma cobra venenosa que asfixia a nação alemã, e que o capitalismo está com um pé na cova, com outro na merda, e com o terceiro no pescoço dos trabalhadores). O horror que me causa isto é o fato que camadas e camadas da população liam estas coisas sem manifestar-se.

Pois tudo isto pode ser facilmente explicado. O nazismo é a manifestação cultural de uma pequena burguesia que perdeu o verniz da falsa cultura e caiu na vulgaridade. E mostra, portanto, o nível verdadeiro da pequena burguesia. Mas

VILÉM FLUSSER

explicar não significa tornar tolerável. Pelo contrário, para mim isto mostra quão frágil é nossa cultura, e com quanto cuidado ela precisa ser cultivada para não decair na tola vulgaridade do nazismo.

Falarei do aspecto ético agora. Para mim o nazismo é a maior prova do fato que a maior maldade é a tolice. Trata-se de um mingau mal digerido de teorias biológicas e econômicas semi-lidas e incompreendidas, que serve como justificação para a racionalização de frustrações econômicas e sexuais de uma camada do povo alemão, e que resulta na destruição de vidas e valores sem paralelo na história da humanidade. Por exemplo a tese de Haushofer que os franceses são negros e os russos são mongóis, e que devem, por causa disto, ser enquadrados em uma nova ordem hierárquica de raças, que é uma hierarquia econômica. É tamanho o amontoado de cretinices nessa teoria, que ninguém se daria o trabalho de analisá-la, não fosse o fato incrível que essa teoria foi posta em prática durante dois anos. Ou, por exemplo, a tese de Rosenberg, que a raça nórdica é a única capaz de cultura, que Jesus, Confúcio e Ramses, (não sei porque Ramses), eram loiros, que Michelangelo se chamava "Bohnrott", e que, por causa disto, todos aqueles que não são loiros devem ser eliminados do estudo universitário. Para mim, isto é advertência contra a vulgarização da ciência, mas principalmente contra um fácil desprezo pela inteligência disciplinada. Porque o desprezo pela inteligência, (qualificada por Rosenberg de "talmudismo judeu", numa ignorância abismal tanto do talmud como da inteligência, como de Bergson), porque esse desprezo resulta na mais terrível das maldades. A saber: na maldade da cretinice.

Pois para mim o eidos do nazismo: vulgaridade e cretinice. E o terrível é a demonstração o quanto é poderosa esta combinação e com que facilidade varre ela a cultura da cena. Essa cultura pode ter enormes falhas. Pode, inclusive, ser estruturada de maneira basicamente errada. Mas o nazismo não é uma revolução cultural, no sentido de querer destruir uma cultura e substituí-la por outra. É, pelo contrário, um movimento da cultura mesma, embora um movimento de suas camadas mais vergonhosas. Em outras palavras: é o suicídio de uma cultura, e seu decadência na lama. "Nostalgie de la boue", isto é o nazismo. Em outras palavras: uma porcaria.

Pois bem, creio que lhe conheço. Creio que compreendo aquilo que lhe fascina nessa porcaria: os momentos que fazem lembrar uma libertação do jugo de um racionalismo asfixiante, e a abertura para uma visão mais concreta, (digamos "mítica",) do mundo e do homem. Mas trata-se de um malentendido seu. Não há nada mais racional e teórico que o nazismo, (embora se trate de uma péssima razão e de uma péssima teoria). Não há nada mais massificante, inautêntico e rebanhisante que o nazismo. O marxismo empalidece em comparação com ele. Não há maior recusa do destino humano e de responsabilidade. Não há maior covardia individual, e não há maior alienação, no sentido de recusa de ver a realidade. Mas seu malentendido não pode ser assim facilmente corrigido. Aponta dimensões muito mais profundas.

VILÉM FLUSSER

São as dimensões religiosas, apontadas por Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Buber, para não falar em Agostinho, Pascal, Eckehart, Teresa. Há, em nós, uma fome religiosa, insaciada pela nossa cultura. É como se nossa cultura, toda ela, fosse uma única e gigantesca negação, por profanação, daquilo que nos é sacro. E como se ela tapasse a visão do sacro, de modo que a perdemos. A nossa cultura se põe, deste ângulo, como uma tremedna conversa fiada a desconversar a única coisa séria: Deum atque animam. Nessa cena o nazismo lhe aparece como o soprar de um vento, por certo cruel, mas dissipador de nuvens. Como um maniqueísmo, por certo nefasto, mas libertador de algemas. E é esta sua visão que me causa horror e medo.

Pode ser que sua visão seja correta. Pode ser que vulgaridade e cretinice é um método potente para dissipar o clima opressor da nossa cultura. Mas infelizmente não estou disposto a pagar este preço. Não estou disposto a sacrificar meu intelecto em holocausto, e muito menos meu amor pelo belo. E não creio que, no fundo, esse sacrifício lhe seja mais possível que a mim, já que conheço seu entusiasmo pelo jogo do pensamento e da arte. Por isto não lhe compreendo. Como não ver que o método nazista de romper com a cultura é feio e burro? Que é, em outras palavras, a tentativa de tornar um problema muito difícil em problema de soluções fáceis e baratas? Que é uma fuga? Não lhe compreendo. Por favor, ajude-me e explique-se, já que não se trata apenas do nazismo, mas de todos os valores.

Um forte abraço

Milton Vargas, Nesta.

Caro amigo, novamente recorre à máquina para esclarecer o assunto da nossa discussão de ontem, que me deixou confusa. Dividirei o problema em dois aspectos. (a) Sua insistência na necessidade de optar entre "direita" e "esquerda" e (b) sua opção pela direita.

(a) Não resta dúvida que a política é o campo das opções, já que o campo dos valores. Com efeito, é o campo ainda não ocupado pela ciência com seus métodos quantificantes, e com sua indiferença valorativa. Mas quais os valores? Veja os valores da seit-disant direita. Conservar a estrutura burguesa da vida, se fôr direita moderada. Adaptar essa estrutura a superficiais modificações socializantes, afim de conservá-la, se fôr fascisteide ou fascista. E, finalmente, abandonar ôsses valores na aparência, e substituí-los por outros inteiramente fictícios, afim de, na realidade, conservar a vida burguesa, se fôr nazista ou semelhante. E os valores da seit-disant esquerda. Substituir os valores burgueses, (individualistas, ideológicos, e impostos sôbre largas camadas que deles não usufruem), por um nôve conceito de homem integrado, isente de motivação econômica, e livre da epressão humana. Mas esse nôve homem, na medida na qual se torna realidade, prova que a integração resulta em massificação, a motivação econômica é substituída por motivação carreirista, e a liberdade da epressão humana é epressão pelo aparelho. E isto não por falha prática de socialismo, mas por razões inerentes nele. Como optar, no caso?

Acresce que tanto direita quanto esquerda comungam fundamentalmente no seu conceito de valôr: vida cômoda e servida pela tecnologia. Apenas a direita fantasia isto com slogans inautênticos de tipo "Deus", e a esquerda com slogans apenas levemente menos mentirosos, de tipo "justiça". Mas esse não é para mim valôr supremo. Não posso optar por nenhum dos dois, tenho que optar contra ambos. Este não é o lugar para dizer quais são meus valores. Talvez esteja apenas em procura deles. Sei que têm eles algo a ver com busca livre do sentido de vida, e, sob este aspecto, estou mais pronto para fazer um compromisso com a direita, já que esta prepugna a liberdade, embora na forma arcaica burguesa. E sei que têm também algo a ver com o reconhecimento de outre, e com a responsabilidade, e, sob este aspecto estou mais pronto para fazer um compromisso com a esquerda, já que esta prepugna a responsabilidade universal dos homens, embora sob forma "revolucionária", que não engulo. Não posso engajar-me no sentido da situação estreita na qual a nossa época nos coloca, especialmente no Brasil da atualidade. Mas posso engajar-me no sentido mais amplo de seguir e propagar as minhas ideias.

(b) Como sua maneira de vida é para mim admirável, não capte a sua escolha. Diz-se direitista. Em que sentido? Obviamente, em primeiro lugar, no sentido "nacionalista". (Embora infelizmente, o nacionalismo tenha sido adaptado também pela esquerda na sua decadência depois da segunda guerra). E o nacionalismo é para mim ideologia inteiramente incompreensível. É verdade que me sinto mais responsável, por várias razões, pela miséria em São Paulo que pela miséria em Biafra. E que me deu um pouquinho melhor com um intelectual judeu que com um intelectual vietnamita. Mas será isto base para uma ideologia? O problema não é, para mim, a relação entre nações, mas a relação entre o homem e a sociedade, entendem-se por sociedade as pessoas que me cercam. Fazer um "Grande Biafra" ou um "Grande Brasil" não é valôr para mim, mas é valôr mudar um pouco a humanidade de acordo com minhas ideias. Se meus alunos ou leitores são brasileiros ou japoneses, pouco importa. Por isto não compreendo o nacionalismo.

Em segundo lugar, seu direitismo é anti-marxista. Embora me considere por várias razões, (algumas das quais acabo de mencionar), também anti-marxista não vejo no marxismo o Grande Inimigo. Admiro, sem concordar, a coragem e o auto-sacrifício de muitos dos seus lutadores, e admito e fêgo religiosamente que os inspira, (embora considere a fé ingênua e enganada). Engajar-se na direita, só por antimarxismo, a meu ver não basta. E, ademais, o antimarxismo da maioria, (não o seu), é uma mentira. Na realidade temem pelo seu dinheiro, e vestem o temor em belas frases de tipo "família etc.", coisa que me dá nôje maior que qualquer marxismo. Em terceiro lugar seu direitismo é fruto de sua filosofia de vida. Ai concordo. Mas é engano, já que nada tem a ver com a direita que por ai pulula. Cordiais abraços

Para Milton Vargas,

VILÉM FLUSSER

Caro amigo, admito a ingenuidade de deixar-me influenciar por datas como o é a passagem do decênio, mas confesso que não consigo escapar ao desafio e à ameaça dos anos 70, (provavelmente dos anos mais decisivos da nossa vida, já que nos anos 80 passaremos de atores a pacientes). Não quero, nesta carta, entrar no problema da futuração e da futurologia, mas quero apenas salienta-o o fato dessa disciplina ter modificado direta- ou indiretamente toda a nossa atitude para com o futuro, seja no sentido de maior abertura de campos, seja no sentido de esvasiamente antecipado. Quero, pelo contrário, en focar o problema existencial que a passagem de decênio nos põe, e preciso do seu otimismo. Peço-lhe, no entanto, de não obviar o problema, (como o faz ultimamente), ao desviar a discussão para o campo da motivação psicológica dos futurólogos, (para o suposto desespero dos "americanos", ou "franceses", ou "russos", ou do "Estadão", ou de Roberto Campos), e que contrasta com a igualmente hipotética euforia dos "brasileiros". Mas peço-lhe de entrar no mérito da questão mesma.

Uma coisa parece sobressair de todas as análises que li, e concorda com as minhas próprias experiências e especulações: as tendências para a re-estruturação da cultura ocidental passarão, nos próximos anos, a resultar em modificações palpáveis da cena, e essas modificações se darão sem nossa participação, porque em regiões distantes. Mencionarei algumas: superação da motivação econômica na juventude; re-estruturação da vida sexual, (inclusive da família); dissolução das comunidades rurais e decadência das grandes cidades em prol de comunidades suburbanas; reformulação do ensino no sentido de de-especialização e universalização, no sentido de des-informação e des-programação, substituídas por estruturação, e no sentido de substituição de escolas por sistemas cibernéticos abertos; novo ritmo vital que modificará o conceito da idade, (estudantes serão pessoas com menos de 30 e mais de 55 anos), o conceito de classe, (a hierarquia não será de produção, mas de consumo), e o conceito de grupo, (haverá minorias do tipo "homossexual" ou "comedor de galinha"); revolução nas artes com tendência para o lúdico, o efêmero e o realizado em grupo; revolução na religiosidade com forte dose de orientalismo e de recurso a psicotrópicos; e desaparecimento de certas ideologias, (nacionalismo, socialismo, militarismo), acompanhado do surgir de outras, (pansexualismo, hedonismo, quietismo). Cada um destes fatores por si só, e mais ainda tomados em conjunto, garantirão uma quebra da tradição e um surgir de novas formas do pensamento. E, repito, isto se dará sem a nossa presença física, (a não ser por visitas esporádicas), e sem a nossa participação ativa.

A defasagem que sofreremos ressalta se considerarmos o outro lado da medalha. Não haverá estagnação na nossa circunstância, mas haverá duas tendências opostas: uma que visará manter o ritmo lento das modificações arcaicas, e a outra visará uma violenta subversões das estruturas. As perspectivas da primeira são ilustradas pelo ano 69: o ano foi muito bom para o Brasil,

VILÉM FLUSSER

(aumento da renda bruta em 6%, e da população em apenas 3,7%), e muito mais para a França, (aumento da renda bruta em 7,5% apenas, e da população em 1,2%). E isto acompanhado de relativa estagnação cultural aqui, e inquietude cultural na França. As perspectivas da segunda tendência, (ilustradas pela Bolívia), são por demais melancólicas para serem consideradas. Isto significa que temos duas alternativas para o ano 80: ou aproximadamente as mesmas estruturas das atuais, levemente melhoradas, ou o caos.

Tomando como premissa que esta vida é a nossa única oportunidade, e que a imortalidade é medida pelas modificações na circunstância que operamos em vida, surge o desafio: podemos, dada a situação esboçada, aproveitar a vida? A questão se põe de forma inteiramente diferente daquela não qual a formulei em 59. ~~Naquele~~ naquele momento tive a ilusão que o Brasil pode contribuir significativamente para a reformulação da cultura, não como realização, mas como modelo, e que portanto sou privilegiado pelo fato de colaborar nesse modelo. Agora a ilusão não se sustenta mais, dada a rapidez dos acontecimentos fóra, e o marasmo dentro. (Pelo menos não se sustenta para a nossa geração, embora talvez continue válida para os nossos filhos). Isto nos deixa com as seguintes alternativas: (a) continuar tentando fazer o possível, sabendo da frustração do esforço, (b) emigrar para os centros da decisão, sabendo da dificuldade de absorção e da redundância do esforço, (c) abdicar do fazer e passar a consumir cínicamente, e (d) fechar os olhos à evidência e beber o opiato do otimismo. Mas talvez toda esta formulação esteja errada. Talvez não está assim localizada a questão do aproveitar a vida.

Quem sabe, o problema nada tem a ver com tempo e espaço. Vivo para fazer aqui lo para o qual fui chamado. Por exemplo: para fazer uma teoria da tradução, ou uma análise da língua. E os anos 70 que se danem. É isto verdade, ou é fuga? Quando Roma ardia, Nero tocava violino, e morreu dizendo "Qualis artifex pereo Teria razão Nero?"

"Each morn a thousand roses brings, you say.
 Yes, but where leaves the rose of yesterday?
 And this first summer month that brings the rose,
 Shall take Yamshid and Koikabád away.
 Well, let it take them. What have we to do
 With Koikabád the Great or Kaikhosrú?
 Let Zál and Rustum bluster as they will,
 Or Hátim call to supper - heed not you."
 Rubaiyat.

Por favor, responda.

Abraços

Milton Vargas, SP.

Caro amigo, a longa interrupção do nosso contacto, ("Long no see Sahib" como se diz em Pidgin English, a koiné do futuro, horrible visu), causou-me não apenas saudade e preocupação quanto à sua saúde, mas ainda me deu oportunidade para ruminar as graves diferenças de opinião entre nós e a mais profunda, (conforme espero), concordância entre nós que garantirá a nossa amizade pelos áspers até os astros. Esta carta vai ser longa e dirigida a ambos. Analisarei primeiro algumas das nossas divergências, e depois alguns aspectos do nosso acordo. Mas resumirei a conclusão logo: as nossas divergências são devidas ao nosso back-ground diferente, as nossas experiências divergentes, e à nossa praxis diferente. E o nosso fundamental acordo se deve à nossa origem social semelhante, à nossa cultura semelhante, e ao fato básico de ambos procurarmos honestamente instaurar a nossa vida sobre valores transcendentais. Esta busca comum deve superar, aliada a simpatia que nos une, as atitudes polémicas que nos caracterizam a ambos.

Começarei dizendo que, (como diz a Edith), aparentemente vivemos defasados historicamente um do outro. Não importa quem de nos dois está pra frente e quem pra trás, já que nenhum de nos dois sabe aonde está a frente. Importa que essa defasagem faz com que tenhamos atitudes divergentes quanto à história da qual somos em parte resultado. Darei alguns exemplos: (a) o gótico: para mim a síntese do Ocidente, e a fonte de tudo que nos nutre, para si algo que não o preocupa seriamente, e isto a despeito de sua insistência, (um pouco articulada demais), sobre o seu catolicismo. (Falarei do seu kat-holos mais tarde). (b) o renascimento: para mim sem dúvida a mais importante revolução ocidental, mas um pouco vulgar demais para poder-me identificar com ela. A falta de gosto dos madrigais, a grandiloquência dos pintores venezianos, o Papa Borgia morrendo por cima de uma porca, Luther arrotando, são para mim fatos tanto quanto Copernico, Shakespeare e Bruno. O caráter museal de Florença é para mim repulsivo, e todo aroma nouveau-riche da burguesia vitoriosa me é contra gosto. Para si a revolução do Mediterrâneo contra o Norte, da fantasia contra o formalismo escolástico, do imanente contra o transcendente. Mas não concordo com tal leitura. O fenômeno é complexo demais, e a sua leitura o empobrece. (c) o barroco: para mim (que sou praguense) a grandiosa majestade da razão casada com o místico, Vivaldi e Bach, Pascal e Newton, Santa Tereza e Angelus Silesius, Spinoza e Leibniz, e, obviamente, as igrejas e os palácios de Praga. E, necessariamente, também a queima de judeus e bruxas, e Casanova, e noite de Walpurgis, o lado noturno para fazer resplandecer as luzes, (veja Rembrandt). Em suma: ciência e superstição, música e imperialismo. Para si: apenas a derrota do renascimento pelo norte? (d) o iluminismo e o clássico: para mim

VILÉM FLUSSER
a loucura da razão triunfante, mas que bela loucura: Mozart e Haydn, Kant antes de tudo. Mas também a beleza da loucura da liberdade individual e da dignidade do homem: revoluções francesa e americana. É uma loucura que sinto vibrar nas minhas veias, e lamento ter perdido a fé na razão como salvação da humanidade. Para si o encobrir do ser pela razão, o mergulho da cultura na superficialidade e inautenticidade, a tentativa de negar as próprias raízes da existência humana, (e que estão, se não estou enganado, no sangue?). (e) romantismo alemão: para mim a fonte de todas as misérias do século 19 e 20, de Stalin e Hitler, de Hollywood e do material plástico, do nacionalismo em geral e do sionismo em particular, e de todo separatismo anti-católico que nos aflige. Mas ao mesmo tempo algo profundamente inerente a mim, tanto na sua forma estética, (Schubert, Schumann), quanto na sua forma filosófica, (Schopenhauer, Kierkegaard), quanto na sua forma política, (Marx), quanto na atitude perante a vida. Para si a grandiosa descoberta da profundidade, da realidade íntima, (Hoelderlin, Novalis), do biológico e psíquico, (Schopenhauer, Fichte, Darwin), do Deus no homem. E ao mesmo tempo algo que lhe é estranho e externo, e que a sua vida nega. Mas basta de exemplos históricos: vivemos a mesma história de forma diferente, e isto significa: em tempos diferentes.

Tomarei agora divergências mais na cara: (Devo dizer que essas divergências aparentemente superficiais se podem tornar violentas em situação na qual o neo-isolacionismo americano faz revigorar o avanço do comunismo no mundo e com isto a reação para-fascista). (a) nacionalismo e patriotismo em geral: para mim uma nefasta ideologia que procura salientar diferenças entre os homens, (diferenças reais mas superáveis), afim de evitar a derrota das estruturas sociais vigentes. O mais terrível patriotismo é o dos países ditos "socialistas", (por ser traição do universalismo (catolicismo) socialista), e o sionismo, (por ser inteiramente negativo, já que reação ao antissemitismo). Para si uma autêntica tomada de consciência das identidades das várias sociedades, que podem entender-se mutuamente apenas depois de se terem assumidas. (b) fascismo: para mim derradeira indignidade, por completamente falsa em suas atitudes, por extremamente vulgar e feia, por baseando a sociedade sobre intriga, denúncia e rivalidades mesquinhas, por sangrenta e eficiente apenas a curto prazo, por totalmente negativa, (anti-marxista), mas na realidade sempre pronta a aliar-se com o marxismo e efetivamente preparando o caminho do marxismo. Para si uma atitude política um pouco exagerada, mas fundamentalmente sã, já que informada tanto pela tecnologia quanto pelas mais profundas realidades nacionais e humanas. (c) marxismo: para mim o sonho da mocidade tornado pesadelo, a última afirmação possível da dignidade humana perante a máquina e o outro homem totalmente deformada em seu contrário pelos aparelhos russos, e também: uma filosofia que prega a salvação pelo trabalho, (isto é pela espiritualização da matéria e pela desalienação do homem), mas que não penetra nas profundidades do problema da salvação que são religiosas. E ainda: uma visão do homem que procura

VILÉM FLUSSER

minimizar as diferenças em pról de um nôvo homem e de uma nôva sociedade, e que acaba dividindo a humanidade em classes opostas quase tão nefastas quanto o são as raças opostas. Para si: uma péssima filosofia de terceira classe, propagada por motivos inconfessos afim de mergulhar a humanidade na servidão e na vulgaridade profana. (d) judaísmo: para mim uma limitação que me foi imposta pela sociedade e pela natureza, (mais por sociedade que por natureza), e que preciso superar para tornar-me homem inteiro. E simultâneamente uma das fontes mais importantes da cultura ocidental na qual estou engajado. Para si um corpo mais ou menos estranho no organismo ocidental de influência mais nefasta que boa, que deve ser minimizado ou, se necessário fôr, suavemente eliminado, (embora não em casos individuais como sou eu). Além disto, e por ser estranho, exerce fascínio mórbido, (veja-se os sábios sionistas, que estão sendo aliás ressuscitados também em Moscou, e Trotskij é agora sionista). Creio que sinto a mesma atração nefasta para o ufanismo judeu que o sr. sente para o antisemitismo. Combatamos isto juntos. (e) Brasil: para mim uma sociedade que me acolheu, que tem uma estrutura aberta e maleável, que contém todos meus amigos, que tem menos inveja e mais generosidade que qualquer sociedade que conheço, cuja enorme maioria sofre terrivelmente, e que está sendo encaminhada atualmente para o desastre da radicalização e de uma guerra fratricida. ^{Nessa sociedade} nela me engajei e para ela quero contribuir com meu trabalho, embora sem sacrifício das minhas convicções e sem abandono das minhas dúvidas e reservas. E a sociedade na qual meus filhos estão integrados. Por isto a situação atual me torna infeliz e me préocupa. Para si o chão natural que lhe nutre, o lugar ideal para o desenvolvimento da sua atividade, a realidade "tout court" que em nada adianta criticar ou louvar, mas que atualmente está tomando o único caminho razoavelmente possível. Finalmente as nossas divergências mais profundas: (a) filosóficas: para mim é preciso viver a sua filosofia, desprezando, (dentro de limites razoáveis), as dificuldades económicas, sociais e pessoais que isto acarreta. E viver a filosofia significa para mim procurar, pela razão e pela intuição, dar um sentido à vida. Pois o sentido da vida é a posteridade, (o outro). Dou sentido a minha vida, na medida na qual publico. Com isto derroto a morte. Mas sei, e isto é tragédia, que a morte derrotada continua sendo morte, tanto minha quanto dos outros. E que não pode haver imortalidade no imanente. Por isto estou desorientado. Para si a filosofia é uma busca do real por detrás das aparências, uma busca que no entanto não ocupa a vida tãda. Pelo contrário, atrapalha a verdadeira vida, que é o puro prazer de viver, de fazer, de construir, de agir, em soma, e de sofrer a vida. Resumindo: para mim viver é filosofar, para si filosofar autentico é viver a vida. (Nisto eu lhe admiro e gostaria de ser como o sr.). (b) religiosas: para mim religiosidade é aquela virtualidade inerente no homem, (mas em mim parcialmente soterrada), que permite ao homem entregar-se inteiramente Aquilo que o lançou para cá e sobre o qual repousa. E isto muito embora o homem possa duvidar da realidade Daquilo. Não importa o método da entrega, seja pelo ato gratuito, (rito), como

124

VILÉM FLUSSER

reza o judaísmo, seja pelo puro ato da fé, como reza o protestantismo, seja pela assistência sacerdotal, como reza o catolicismo. E não importa se Aquilo ao qual me entrego se me dá como o totalmente diferente de mim, ou transformado em Homem. O que importa é a entrega. Ela é a tarefa da vida, acima da publicação e da posteridade. Nela falhei redondamente. Para si a religiosidade se acha canalizada, a priori para o homem, nos canais, das várias religiões, e seu canal é, queira ou não, o catolicismo. Por isto ele é, para si, a religião única e verdadeira. E a sua tarefa na vida é forçar-se a crer nela. Crer, (como diz Agostinho), justamente e por causa de ser absurda. É nesse ato absurdo da fé forçada e deliberada que reside a entrega. Mas também o sr. não consegue. Porque todas as suas atitudes e opiniões existenciais desmentem a fé que professa. Desmentem, por exemplo o seu catolicismo as suas insistências sobre as diferenças entre os homens, que para si não são acidentais, mas essenciais, (abismos). Desmente o seu catolicismo a sua admiração do renascimento e do romantismo. Desmente mais fundamentalmente, o seu apego à vida. Eu sei disto muito bem, porque também eu sinto a atração e solicitação do catolicismo. Se tivesse que escolher uma religião, (coisa que não posso pelas razões expostas), seria o catolicismo. Mas certamente vejo no catolicismo algo diferente do seu. A casa do meu Pai tem muitos quartos.

Mas isto me conduz, finalmente, à consideração daquilo que nos une. Por si ma de tôdas as fendas que mencionei e que não mencionei nos une a amizade. E por baixo nos une essa nossa situação humana perante o mistério tão próximo e tão inalcançável. É a situação humana em geral, mas nós dois a tornamos consciente. Somos poucos os que o fizeram, e ao termos encontrado, farejamos isto um no outro. É verdade, muita coisa ajuda nessa aproximação: o grau da cultura, o horror que ambos temos da pose e da mentira, a relativa falta de preconceitos e vaidades, a prontidão de aceitar argumentos. Mas isto não bastaria: o que nos une fundamentalmente é que ambos buscamos consciente- e inconscientemente a mesma meta, sem termos conseguido.

Seja abraçado.